

Biografia de Vítor Rua

Vítor Rua (n. 1961) iniciou-se no fim da década de 1970 com algumas invenções melódicas que marcaram profundamente o "art rock" português.

Em 1982 foi co-fundador de TELECTU (com Jorge Lima Barreto), onde se revelou como um solista exponencial de guitarra.

Neste trabalho com Telectu encontrou-se com grandes figuras internacionais da improvisação (Daniel Kientzy, Elliott Sharp, Chris Cutler, Jac Berrocal, Carlos Zíngaro, Jean Sarbib, Louis Sclavis, Ikue Mori, Sunny Murray, Paul Rutherford, Evan Parker, Barry Altschul, Giancarlo Schiaffini, Eddie Prevóst, Han Bennink, Gerry Hemingway, Paul Lytton, John Butcher, Steve Noble), afirmando-se como experimentalista e políartista.

Guitarrista, músico, produtor e compositor, autodidacta e estudioso. É uma figura frontal e controversa, militante da 'senda minimal repetitiva' e da improvisação desde há mais de 30 anos.

No seu percurso integram-se projectos de extrema relevância como os GNR, que criou com Alexandre Soares; Telectu, com Jorge Lima Barreto; Laço Eterno, com Aldina Duarte, Carlos Zíngaro e Carlos Barreto; Anarchy Project, com Bárbara do Canto Lagido; ZRF, com Zíngaro e Marco Franco; Surfaces, com Nuno Rebelo; So Happy Together, com Mísia e Nuno Rebelo; Conferências, Palestras, Workshops, Música para Dança, Cinema e Teatro, entre muitos outros com músicos e artistas como Flak ou Cláudia Efe, sem esquecer os seus Solos e composições para Ópera (A Minha Vaca), ou músicos como John Tilbury (What time is it), Daniel Kientzy (Cyber Punk) e Eddie Prévost, de forte presença o seu cunho.

Em 1987 num voluntarioso acto de autodidaxia considerou decisivamente o estudo da notação da música contemporânea e neste contexto evoluiu de forma meteórica.

A sua obra reflecte um trabalho de recorte pós-moderno, preliminar, variegado, da recusa empirista da confinamento cultural, laivo nas fronteiras estilísticas e ideológicas.

Intérpretes como Daniel Kientzy, John Tilbury, Frank Abbinanti, Peter Bowman, Kathryn Bennetts, Bernini Quartet, Remix Ensemble, OrchestrUtópica, Drumming, Giancarlo Schiaffini, Eddie Prevóst, Michael Straus, Jorgan Peterson, Goran Morcep, gravaram e/ ou interpretaram obras deste compositor em concertos e Festivais nacionais e internacionais.

Em 1990 idealizou e produziu a Antologia de nova música improvisada, Vidya, que reuniu alguns dos principais músicos da área como M. Azguime, C. Zíngaro, R. Toral, Nuno Rebelo, Sei Miguel, Tozé Ferreira, Osso Exótico, J.P., Feliciano, Saheb Sarbib, Jorge Lima Barreto e Elliott Sharp, etc.

A partir desta data fez parte constante e irreversível da sua carreira artística uma aprendizagem própria e singular no seio musical, sobretudo enquanto compositor de música clássica contemporânea.

Em 1994, formou o agrupamento Ensemble para a interpretação de algumas das suas obras (Vidya Ensemble - Stress/Relax, de 1996).

Figurou com uma composição, no fonograma In Memoriam Peixinho, Paris, 2001.

Desde a mesma década, compõe regularmente em trabalhos de música funcional para dança (Paulo Ribeiro -1996 - Rumor dos Deuses - João Fiadeiro -1997-1999 - Mindfield - João Galante e Teresa Prima 1997-2003, NewBabilonia Paula Castro, 1998, Aldara Bizarro, 2002/2003, etc) para teatro (Cornucópia, 1984, 2002, Zimbelino, Jean Jourdheil, 1997, "Germania III" Ricardo Pais, 1997-2003, "Noite de Reis", "As Lições", "A Castro" ou "Hamlet"; Nuno Carinhas/Mário Cesariny, "Um Auto para Jerusalém", 2002); para cinema (Edgar Pêra, 2001-

2003, "O Homem Teatro"; para performarte (Elizabeth Mileu, Rui Orfão, 1987; J. Galante, 2001-2003; Objectos Perdidos/Paulo Eno, 1987-2003).

Criou também obras de video music e ficcionais, como: "O Alienado", 1988; "Vidya", 1989; "Efeito Borboleta", 1995; "A Poeira de Cantor", 1996; "Sex Drive", 1997; "Etaoin", 1999; e compôs música para videogramas de E.M. de Melo e Castro, 1985-1991, Rita Nunes, 1999 ou Edgar Pêra, 2002-2003.

Concretizou música para instalações (esculturas multimedia de Joana Vasconcelos, 2002-2003); produziu vários discos de autores experimentalistas, deu conferências e leccionou seminários privados e públicos.

Foi ainda autor do programa de rádio Cantão do Rock, Macau, 1989.

Escreveu o livro Musicologia na era do porquinho Babe; redigiu vários manifestos sobre rock, música contemporânea, jazz e improvisada, em jeito tão mordaz como pedagógico.

Foi intérprete em vários dos discos de 'pop experimental' que produziu e, com Telectu, actuou e gravou em grande parte do mundo com músicos distintos e de grande projecção cultural.

Caracteriza-se, na sua técnica instrumental, pelo recurso a patterns na execução de escalas baseadas na linguagem modal, fundamentalmente no desempenho de improvisações nos 'desvios pop-rock'.

Na criação de música improvisada recorre habitualmente a técnicas instrumentais designadas de "instrumental extende techniques" de modo a explorar as várias potencialidades quer dos timbres quer das texturas. O uso do processamento electrónico do som é uma constante.

De solenidade humorística, tanto no recurso a alguns timbres, como nas técnicas vocais ou literárias (textos), o seu estilo composicional é igualmente caracterizado pelo escrutínio de fragmentos (uma escala, uma sucessão de sons, uma pequena frase rítmica) e pelo uso das técnicas instrumentais menos comuns (tapping no contrabaixo) que se traduzem na obtenção de timbres específicos, que não têm ligação directa/associação à fonte sonora que os produziu.

Na sua escrita musical, inovadora, procura utilizar símbolos gráficos.

Recorre, regularmente, à tecnologia informática aplicada à musica, sampling e processamento electrónico do som na sua génese.